DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, AFETIVO E SOCIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE APRENDIZAGEM, COMPORTAMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES

ANA CRISTINA NUNES DE ARAUJO

RESUMO
O presente artigo apresenta uma análise reflexiva sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de uma criança matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública municipal localizada na zona oeste do município de São Paulo. O estudo de caso busca compreender as relações entre comportamento, aprendizagem, autoestima, mediação pedagógica e contexto familiar, considerando que o desenvolvimento infantil ocorre por meio da interação entre sujeito, escola, família e ambiente sociocultural. A análise parte da observação cotidiana da criança no espaço escolar, considerando suas características comportamentais, suas dificuldades iniciais de aprendizagem e os avanços apresentados ao longo do processo educativo. As intervenções pedagógicas basearam-se no fortalecimento da autoestima, no reconhecimento dos avanços individuais e na criação de situações que favorecessem a participação e a autonomia. A fundamentação teórica dialoga com autores como Bandura (1986), Dessen e Polonia (2007), Bransford, Brown e Cocking (2007), Smagorinsky (2013) e Pajares e Olaz (2008), buscando compreender como as relações sociais, as crenças de autoeficácia e as experiências escolares influenciam o desenvolvimento da criança. Conclui-se que o acompanhamento individualizado, aliado à parceria entre escola e família, constitui elemento essencial para promover avanços não apenas acadêmicos, mas também emocionais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem; desenvolvimento infantil; autoestima; família; escola.

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois é nesse ambiente que ela amplia suas experiências sociais, estabelece novas relações, desenvolve habilidades cognitivas e constrói conhecimentos fundamentais para sua participação na sociedade.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, durante o processo de alfabetização, é muito perceptível a maneira como os estudantes apresentam diferentes ritmos de aprendizagem, formas variadas de interação e distintas maneiras de expressar suas emoções e necessidades.

Dessa forma, compreender uma criança em sua totalidade exige considerar não apenas seu desempenho acadêmico, mas também suas características individuais, relações familiares, experiências anteriores e contexto social.

O presente artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento de uma criança do 2º ano do Ensino Fundamental I, observando aspectos relacionados ao comportamento, aprendizagem, interação social e influência familiar.

A escolha desse estudante como estudo de caso ocorreu desde as primeiras observações realizadas durante o módulo, por apresentar características marcantes no cotidiano escolar. Trata-se de uma criança que demonstra grande energia, necessidade intensa de movimento e forte envolvimento em situações de interação com os colegas.

O estudante, 8 anos de idade, frequentava uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no bairro Bonfiglioli, zona oeste da cidade de São Paulo.

No ambiente escolar, apresentava características físicas compatíveis com sua faixa etária, destacando-se pela presença constante nas interações da turma. Sua personalidade evidenciava espontaneidade, intensidade emocional e grande interesse por atividades corporais e jogos coletivos.

Desde os primeiros contatos, percebeu-se que a criança não passava despercebida no grupo. Seu comportamento agitado, associado a frequentes conflitos com colegas, tornou-se uma demanda constante de intervenção pedagógica. Inicialmente, as situações envolvendo brigas e dificuldades de autorregulação exigiam atenção frequente dos adultos responsáveis pela turma. Entretanto, ao observar mais cuidadosamente suas

atitudes, tornou-se possível perceber que, além das questões comportamentais, havia necessidades relacionadas ao processo de aprendizagem, autoestima e reconhecimento.
O desafio pedagógico consistiu-se em compreender o estudante para além dos comportamentos observáveis, buscando identificar quais fatores estavam relacionados às suas atitudes e como a escola poderia contribuir para seu desenvolvimento.
A criança demonstrava preferência por colegas envolvidos em atividades físicas, jogos corporais e brincadeiras com maior movimento, não apresentando restrições relacionadas a gênero ou características pessoais dos colegas.
Essa preferência indicava uma forma específica de interação social, baseada principalmente em experiências corporais e atividades coletivas. Em determinado momento, após um conflito com outro estudante, relatou que reagia daquela maneira porque seu pai também "lutava", sendo necessária uma intervenção pedagógica para diferenciar os conceitos de "briga" e "luta".
Essa situação revelou como as referências familiares e sociais influenciam a maneira como a criança interpreta suas experiências e resolve conflitos. A partir dessa observação, tornou-se evidente a importância de trabalhar não apenas regras de convivência, mas também a compreensão das emoções, dos limites e das diferentes formas de expressão.
A escola, nesse sentido, assume papel fundamental ao possibilitar novas experiências e ampliar as formas de interação social. Segundo Smagorinsky (2013), a constituição do ser humano ocorre por meio das relações estabelecidas com o meio externo, considerando que os aspectos individuais estão relacionados aos contextos sociais e culturais nos quais o sujeito está inserido.
Sendo assim, compreender o estudante exige analisar também suas relações familiares, experiências comunitárias e vínculos construídos fora do espaço escolar.
Durante o processo educativo, observou-se que a criança apresentava dificuldades de aprendizagem que demandavam acompanhamento constante em diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, também demonstrava potencialidades importantes, como boa coordenação motora, excelente organização da escrita e interesse por desafios quando se sentia motivada.
Diante desse cenário, as intervenções pedagógicas foram direcionadas para fortalecer sua percepção de capacidade e ampliar sua confiança diante das tarefas escolares. Conforme Bandura (1986), as crenças de autoeficácia exercem grande influência sobre a maneira como os indivíduos enfrentam desafios:

"Dentre os diferentes aspectos do auto-conhecimento, nenhum tem mais influência sobre a vida cotidiana das pessoas do que as suas concepções sobre auto-eficácia pessoal!" (BANDURA, 1986, p.18).

A partir dessa perspectiva, compreender a importância da autoestima no processo de aprendizagem tornou-se fundamental para a construção das estratégias pedagógicas utilizadas.
O estudante precisava perceber que era capaz de aprender e que seus esforços eram reconhecidos pelos adultos ao seu redor.
Dessa forma, o feedback constante sobre seus avanços e conquistas passou a ser utilizado como ferramenta pedagógica, favorecendo maior envolvimento nas atividades e melhor participação em sala de aula.
Ao longo do acompanhamento, percebeu-se que valorizar os aspectos positivos produziu mudanças significativas na postura da criança, que passou gradualmente a demonstrar maior segurança diante dos desafios escolares.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreender o desenvolvimento infantil no contexto escolar exige uma análise que ultrapasse a visão restrita do desempenho acadêmico. A criança chega à escola trazendo consigo experiências familiares, culturais, emocionais e sociais que influenciam diretamente sua forma de aprender, interagir e enfrentar desafios.
Nesse sentido, o processo educativo deve considerar o estudante como um sujeito completo, cuja aprendizagem está relacionada tanto aos aspectos cognitivos quanto aos aspectos afetivos e so-

ciais.
A observação do estudante analisado neste estudo evidencia essa relação, pois suas dificuldades iniciais de aprendizagem estavam associadas também a questões relacionadas à confiança, autorregulação e participação nas atividades escolares. A escola, portanto, não atua apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como ambiente de desenvolvimento humano.

AUTOEFICÁCIA E CONSTRUÇÃO DA CONFIANÇA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A teoria social cognitiva desenvolvida por Bandura destaca a importância das crenças que os indivíduos constroem sobre suas próprias capacidades.
Segundo Bandura (1986), a percepção de autoeficácia influencia diretamente a forma como as pessoas enfrentam situações desafiadoras, persistem diante das dificuldades e interpretam seus próprios resultados.
Para crianças em processo de alfabetização, essa dimensão torna-se especialmente importante, pois as primeiras experiências escolares podem fortalecer ou fragilizar a relação com o conhecimento. Quando uma criança vivencia repetidamente situações em que percebe suas dificuldades como fracasso, pode desenvolver insegurança e evitar novas tentativas. Por outro lado, quando recebe apoio, orientação e reconhecimento pelos avanços conquistados, tende a desenvolver maior confiança e disposição para aprender.
Nesse estudo, o feedback constante sobre as conquistas do estudante apresentou papel fundamental. As devolutivas positivas não tinham como objetivo apenas elogiar, mas permitir que a criança identificasse seus próprios avanços e compreendesse que seu esforço produzia resultados.
Esse processo favoreceu uma mudança gradativa na postura diante das atividades escolares. A criança passou a demonstrar maior interesse pelas propostas, maior envolvimento e orgulho pelas produções realizadas. Bandura (1986) afirma ainda que: "Os indivíduos possuem mecanismos auto-reguladores que fornecem o potencial para mudanças auto-direcionadas no seu comportamento." (BANDURA, 1986, p.101). Essa ideia permite compreender que o comportamento infantil não é algo fixo ou imutável. Com mediação adequada, a criança pode desenvolver estratégias para controlar impulsos, modificar atitudes e construir novas formas de participação social.
No caso analisado, observou-se que, apesar de continuar apresentando momentos de conflito com os colegas, houve progressiva melhora na capacidade de conter reações físicas. A criança passou a refletir mais antes de agir, demonstrando início de um processo de autorregulação emocional.
Esse avanço representa uma conquista significativa, pois envolve não apenas obedecer a uma regra externa, mas desenvolver maior consciência sobre suas próprias ações.
Pajares e Olaz (2008), ao discutirem a teoria social cognitiva, destacam que a autoeficácia influencia as escolhas, o esforço, a persistência e as formas de enfrentamento utilizadas pelos sujeitos. Assim, fortalecer a confiança da criança em suas capacidades contribui para seu desenvolvimento global.

APRENDIZAGEM, INTERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento da criança acontece por meio das relações estabelecidas com outras pessoas e com o ambiente em que está inserida. A aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas através de interações sociais, culturais e emocionais.
Nesse sentido, as contribuições de Vygotsky são fundamentais para compreender o papel da escola. Smagorinsky (2013) afirma que:

"Vygotsky presumiu que todos os aspectos da vida humana estão interrelacionados, incluindo o que acontece dentro de uma pessoa, mesmo que isso esteja ligado ao que está fora da pessoa e, portanto, não possa ser tão nitidamente isolado." (SMAGORINSKY, 2013, p.3).

Essa perspectiva contribui para compreender que os comportamentos apresentados pelo estudante não podem ser analisados separadamente de sua história, suas relações e seu contexto.
A criança não chega à escola como uma "folha em branco"; ela traz conhecimentos construídos em suas experiências

anteriores. Cabe ao professor identificar esses conhecimentos e criar situações que favoreçam novos aprendizados. Durante as atividades pedagógicas observadas, percebeu-se que o estudante apresentava estratégias próprias para resolver problemas, mesmo quando não conseguia explicar verbalmente seus pensamentos.
Essa característica demonstra que a aprendizagem envolve diferentes formas de raciocínio, nem sempre expressas imediatamente pela linguagem oral. O professor precisa observar os caminhos utilizados pela criança, valorizando não apenas a resposta final, mas também o processo construído.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

A família representa um dos primeiros espaços de desenvolvimento humano e exerce influência significativa na formação emocional e social da criança. Segundo Dessen e Polonia (2007):

"Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa." (DESSEN; POLONIA, 2007, p.24).

A relação entre família e escola mostrou-se um aspecto essencial no caso analisado. Os responsáveis demonstravam interesse pela vida escolar da criança e reconheciam a importância da educação para seu futuro. Essa valorização contribuiu para fortalecer a relação da criança com a escola.
O acompanhamento familiar, aliado ao trabalho pedagógico, favoreceu a construção de uma percepção positiva sobre o estudo e sobre suas próprias capacidades.
O envolvimento dos responsáveis demonstrava que a escola era vista como espaço de oportunidade e transformação. A família compreendia que a escolarização poderia ampliar as possibilidades futuras da criança e proporcionar melhores condições de vida. Essa postura fortaleceu a parceria necessária entre os diferentes ambientes de desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA: ESTUDO DE CASO

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa na modalidade de estudo de caso, construída a partir da observação sistemática do cotidiano escolar e da análise das interações de uma criança matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental I.
O estudo de caso possibilita compreender situações específicas considerando suas particularidades, relações e signifi-i cados.
A escolha dessa metodologia justifica-se pela necessidade de analisar o estudante em seu contexto real, observando não apenas resultados escolares, mas também comportamentos, interações sociais e processos de aprendizagem.
Os dados foram construídos a partir de observações realizadas durante as aulas, registros pedagógicos, acompanhamento das atividades e diálogo com familiares.
A análise considerou aspectos cognitivos, emocionais e sociais, buscando compreender como esses elementos se articulavam no processo de desenvolvimento.
Uma das situações analisadas envolveu a realização de uma atividade matemática utilizando um "quadrado mágico".
A proposta consistia em preencher uma tabela com números de 1 a 9, organizando-os de maneira que a soma das linhas e colunas fosse igual a 15.
O objetivo da atividade era observar estratégias de resolução de problemas, raciocínio lógico e formas de organização do pensamento.
Para realização da proposta foram disponibilizados materiais como papel, lápis, borracha e a própria estrutura do quadrado mágico confeccionada em papel cartão. A criança poderia escolher os recursos que considerasse mais adequados para resolver o desafio.

ANÁLISE DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

A atividade envolvendo o quadrado mágico foi escolhida por possibilitar a observação de diferentes aspectos do desenvolvimento cognitivo do estudante, especialmente relacionados ao raciocínio lógico-matemático, estratégias de resolução de problemas, organização do pensamento e capacidade de argumentação.
Além dos conhecimentos matemáticos envolvidos, a proposta permitiu analisar

como a criança lidava com desafios, erros, tentativas e necessidade de revisão das próprias hipóteses.
Antes do início da atividade, foi explicado ao estudante o funcionamento do quadrado mágico, destacando que o objetivo era encontrar combinações numéricas nas quais a soma das linhas e colunas resultasse em 15.
A explicação inicial teve como intenção garantir que a criança compreendesse o problema proposto, sem interferir diretamente na estratégia que escolheria para solucioná-lo.
Foi disponibilizado o material necessário e explicado que poderia utilizar lápis, papel, registros ou qualquer outro recurso que considerasse útil.
Essa postura buscava valorizar a autonomia da criança e permitir que seus procedimentos espontâneos fossem observados.
Durante a realização da proposta, foi possível perceber que o estudante demonstrava interesse pelo desafio e mantinha atenção na atividade. Mesmo com a presença de uma câmera e de uma situação diferente da rotina habitual, mostrou envolvimento e disposição para resolver o problema.
A criança não direcionava sua atenção ao equipamento de gravação, mas permanecia concentrada na tarefa. Esse comportamento revelou que a proposta despertou curiosidade e motivação.
Durante a atividade, foram realizadas algumas perguntas com o objetivo de compreender o raciocínio utilizado:

Professora: Quais números você precisa colocar no quadrado mágico?
Estudante: Esses aqui. (Apontando para os números disponíveis.)
A resposta demonstra que a criança compreendia que os números disponíveis eram os elementos necessários para resolver o desafio.
Professora: Como você percebeu que são esses números que precisam ser usados?
Estudante: Porque são os que estão faltando.
Professora: Muito bem. E por qual deles você gostaria de começar? Por quê?
Estudante: Acho que esse...
Ao escolher um espaço específico da tabela, o estudante iniciou sua estratégia considerando os números já presentes no quadrado.
Professora: O que fez você escolher esse lugar primeiro?
Estudante: Porque já tem alguns números aqui.
Professora: E como esses números podem ajudar você a descobrir o que está faltando? O estudante realizou a soma dos valores apresentados na linha escolhida, utilizando cálculo mental e depois conferiu realizando registro escrito, evidenciando uma estratégia própria de resolução.
Professora: Você pode me explicar como fez essa conta?
Estudante: Fiz de cabeça.
Professora: E qual foi o resultado dessa adição?
Estudante: 15.
Professora: Se o resultado foi 15, o que isso nos mostra sobre essa linha do quadrado mágico?
Estudante: Que tá certo..
A partir desse resultado, a professora ampliou a reflexão para outra linha do quadrado.
Professora: Vamos observar esta outra linha. Ela também soma 15?
Estudante: Não.
Professora: Como você descobriu isso?
Estudante: Porque tem um quadrado faltando.
Professora: Quanto falta para chegar a 15?
Novamente fez o cálculo mental.
Estudante: Falta 3.
Professora: Se faltam 3, qual número poderia completar essa linha?
Estudante: O número 3.
Professora: Será que esse número também ajuda as outras linhas e colunas a chegarem a 15? Vamos conferir juntos?

Nesse momento, as perguntas da professora incentivaram o estudante a justificar suas escolhas, explicitar seu raciocínio e verificar suas hipóteses, favorecendo a construção do pensamento matemático e o desenvolvimento da autonomia na resolução de problemas.
A resposta demonstrou compreensão da relação entre os valores presentes e o objetivo final da atividade, além de uma facilidade com cálculo mental. Embora nem sempre conseguisse explicar verbalmente o caminho utilizado, apresentava indícios de raciocínio lógico organizado.
Em alguns momentos, quando questionado sobre como havia encontrado

determinado resultado, demonstrava insegurança na explicação oral. Entretanto, observava-se que realizava cálculos mentalmente e utilizava pequenos registros gráficos, como riscos representando quantidades, para confirmar suas respostas.
Esse aspecto é relevante porque evidencia que a criança possuía estratégias próprias de pensamento, ainda que sua capacidade de verbalização estivesse em desenvolvimento.
A aprendizagem escolar envolve diferentes dimensões e nem sempre aquilo que o estudante consegue realizar corresponde exatamente ao que consegue explicar verbalmente.
O professor precisa estar atento a essas diferenças, valorizando os processos internos de construção do conhecimento.
Durante a atividade, ocorreu uma situação significativa. Ao preencher determinado espaço com um número que aparentemente completava a sequência, a criança demonstrou segurança inicial. Entretanto, quando questionada novamente sobre a soma final envolvendo os três números, refez a contagem e percebeu que o resultado não correspondia ao esperado.
Esse momento demonstrou uma habilidade importante: a capacidade de revisar a própria ação. O estudante não apenas buscou uma resposta, mas aceitou reconsiderar sua hipótese quando percebeu uma inconsistência.
Esse comportamento representa um avanço no processo de aprendizagem, pois envolve reflexão, análise e reorganização do pensamento.
Segundo Bransford, Brown e Cocking (2007), a aprendizagem envolve estabelecer relações entre conhecimentos prévios, experiências e novas situações.
O estudante constrói novos conhecimentos a partir daquilo que já sabe, reorganizando suas ideias conforme encontra novos desafios.
Nesse sentido, a atividade mostrou que a criança possuía recursos cognitivos importantes, necessitando apenas de mediações adequadas para a ampliação de estratégias.

REFLEXÕES SOBRE A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A realização da atividade também provocou reflexões sobre o papel do professor durante o acompanhamento da aprendizagem. Durante a observação, surgiu a vontade de oferecer respostas mais diretas ou auxiliar a criança a verbalizar melhor seu pensamento.
Entretanto, percebeu-se que uma intervenção excessivamente direcionada poderia limitar o processo de construção da própria estratégia.
O papel docente, nesse momento, foi criar perguntas que favorecessem a reflexão, sem substituir o pensamento da criança.
Essa postura está relacionada a uma concepção de ensino em que o professor atua como mediador do conhecimento. A aprendizagem acontece quando o estudante é colocado diante de desafios possíveis e recebe apoio suficiente para avançar.
O processo de aprendizagem não consiste apenas em acertar, mas também em testar hipóteses, perceber erros e reconstruir caminhos.
A estratégia utilizada pelo estudante — realizar registros com pequenos riscos para representar quantidades — não causou surpresa, pois já era observada em outras situações cotidianas.
Esse recurso demonstrava uma forma de organização do pensamento matemático. Embora parecesse simples, representava uma ferramenta criada pela própria criança para garantir maior segurança na resolução. Essa observação reforça a importância de considerar os conhecimentos construídos pelo estudante.
Muitas vezes, estratégias consideradas "simples" representam etapas fundamentais no desenvolvimento cognitivo.
O acompanhamento contínuo revelou que, quando recebe incentivo e tempo adequado, a criança demonstra capacidade de avançar.
Ao longo do ano letivo, houve mudança significativa em sua postura diante das atividades escolares.
O estudante passou de uma posição marcada pela insegurança e dificuldade de concentração para uma participação mais ativa e confiante.

RELAÇÕES FAMILIARES E CONTEXTO SOCIOCULTURAL

A compreensão do desenvolvimento da criança exige também analisar o contexto familiar e social no qual ela está inserida.

A família exerce papel fundamental na construção da identidade, dos valores e das expectativas em relação à escola. Durante as conversas realizadas com os responsáveis, foi possível perceber grande valorização da escolarização.
O responsável demonstrava interesse pelo percurso escolar da criança e reconhecia a importância da educação para ampliar possibilidades futuras.
Quando foi apresentada a proposta do estudo, a reação da família foi positiva, demonstrando confiança no trabalho desenvolvido pela escola. Esse envolvimento evidencia que a relação família-escola pode atuar como fator de proteção e fortalecimento do desenvolvimento infantil.
A criança vive com seus responsáveis e outros familiares, mantendo maior proximidade com a avó materna devido à localização de sua residência.
Outros parentes possuem contato mais restrito devido à distância. A família apresenta forte vínculo afetivo e preocupação com o desenvolvimento da criança.
O responsável relata acompanhar suas atividades, conversar sobre a escola e incentivar sua participação. A criança também possui forte interesse por esportes, especialmente futebol, participando de atividades relacionadas à prática esportiva.
Essa característica se conecta com sua preferência por brincadeiras corporais e atividades que envolvem movimento.
O contexto comunitário também influencia suas experiências. Mesmo vivendo em uma região urbana movimentada, possui possibilidade de interação com outras crianças da vizinhança, participando de brincadeiras tradicionais e jogos coletivos.
Essas experiências contribuem para seu desenvolvimento social e motor. A relação estabelecida com a família demonstra a importância do vínculo afetivo.
Segundo Dessen e Polonia (2007), as relações familiares constituem base importante para o desenvolvimento saudável e para a forma como o indivíduo estabelece relações em outros ambientes.
A postura positiva da família em relação à escola contribuiu para fortalecer na criança a ideia de que aprender é importante. Esse aspecto apareceu em falas do estudante ao demonstrar preocupação com colegas que não realizavam as atividades.
Ao afirmar que é necessário estudar para aprender e ter melhores oportunidades no futuro, evidencia a influência dos valores transmitidos pelos adultos ao seu redor.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do percurso escolar do estudante evidencia que o desenvolvimento infantil acontece por meio da articulação entre diferentes dimensões: cognitiva, emocional, social e familiar.
As dificuldades apresentadas inicialmente, principalmente relacionadas à agitação, conflitos interpessoais e insegurança diante das aprendizagens, não podem ser compreendidas de forma isolada.
O comportamento da criança revelou uma forma de expressão que precisava ser interpretada dentro de um contexto mais amplo.
Ao longo do acompanhamento pedagógico, foi possível perceber que a criança possuía potencialidades importantes que nem sempre eram imediatamente percebidas quando o foco estava apenas nas dificuldades comportamentais.
Sua energia, interesse por desafios físicos, facilidade de interação e criatividade passaram a ser compreendidos como características que poderiam ser direcionadas positivamente.
A intervenção pedagógica deixou de buscar apenas reduzir comportamentos inadequados e passou a favorecer o desenvolvimento da autorregulação, da confiança e da participação. Essa mudança de perspectiva foi fundamental para que a criança pudesse construir uma relação mais positiva com a escola.
Um dos aspectos mais relevantes observados foi a relação entre autoestima e aprendizagem.
Inicialmente, o estudante apresentava dificuldades em algumas áreas do conhecimento e necessitava de apoio constante. Entretanto, quando suas conquistas começaram a ser reconhecidas, houve mudança em sua postura.
A valorização de seus esforços contribuiu para que desenvolvesse maior segurança e disposição para enfrentar desafios.
A teoria social cognitiva de Bandura (1986) contribui para compreender esse processo, pois destaca que as crenças que o indivíduo constrói sobre sua capacidade influenciam diretamente sua

atuação diante das situações.
Nesse sentido, fortalecer a percepção de competência da criança tornou-se uma estratégia essencial. A aprendizagem não ocorreu apenas pela repetição de atividades, mas pela construção de uma imagem mais positiva de si mesmo como sujeito capaz de aprender.
A evolução observada no processo de alfabetização também demonstra a importância da mediação pedagógica. A criança iniciou o ano em processo silábico-alfabético e avançou para a escrita alfabética, demonstrando progresso significativo. Entretanto, mais importante que o resultado final foi perceber a mudança na relação estabelecida com o conhecimento.
A criança passou a demonstrar orgulho por suas produções, preocupação em concluir tarefas e interesse em participar das atividades. Esses elementos revelam avanços que ultrapassam os conteúdos escolares, envolvendo aspectos emocionais e sociais.
A situação analisada também evidencia a importância de compreender o erro como parte do processo de aprendizagem. Durante a atividade do quadrado mágico, o estudante apresentou hipóteses, realizou tentativas, revisou respostas e reorganizou estratégias. Esse movimento demonstra aprendizagem ativa. O erro deixou de ser visto como fracasso e passou a representar uma oportunidade de reflexão.
Segundo Bransford, Brown e Cocking (2007), aprender envolve estabelecer conexões entre experiências anteriores e novos conhecimentos. A criança utiliza aquilo que já sabe para interpretar novas situações e construir novas formas de pensamento.
Dessa maneira, cabe ao professor criar situações desafiadoras, mas possíveis, nas quais o estudante possa avançar progressivamente.
Outro ponto fundamental identificado foi a influência do contexto familiar. A participação dos responsáveis e a valorização da escola contribuíram para fortalecer a relação da criança com os estudos. A família demonstrava reconhecer a importância da educação como caminho para ampliar possibilidades futuras.
Essa postura contribuiu para que a criança desenvolvesse uma visão positiva sobre a aprendizagem. Dessen e Polonia (2007) destacam que família e escola são contextos fundamentais para o desenvolvimento humano. Quando essas instituições estabelecem parceria, aumentam as possibilidades de desenvolvimento integral da criança.
No caso analisado, a aproximação entre família e escola favoreceu não apenas o acompanhamento acadêmico, mas também o fortalecimento emocional. A criança percebeu que os adultos ao seu redor acreditavam em seu potencial. Esse aspecto mostrou-se determinante para sua evolução.
A análise também reforça a importância de evitar rótulos relacionados ao comportamento infantil. Crianças consideradas "agitadas", "difíceis" ou "problemáticas" muitas vezes apresentam necessidades específicas de mediação. O comportamento precisa ser compreendido como uma forma de comunicação.
No caso estudado, a energia e impulsividade do estudante não desapareceram completamente, mas passaram a ser melhor administradas. Houve desenvolvimento gradual de estratégias para lidar com frustrações e conflitos. Esse processo demonstra que a escola possui papel essencial na construção de habilidades socioemocionais.
A sala de aula precisa ser compreendida como espaço de humanização, onde conhecimento e relações humanas caminham juntos. Como aponta Smagorinsky (2013), o desenvolvimento humano está profundamente ligado às relações estabelecidas no meio social. Portanto, ensinar envolve também construir vínculos, promover pertencimento e criar condições para que cada criança encontre seu lugar no grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou compreender a complexidade envolvida no desenvolvimento infantil dentro do ambiente escolar.
A análise do percurso de uma criança do 2º ano do Ensino Fundamental demonstrou que aprendizagem, comportamento e relações sociais são aspectos inseparáveis. A criança não pode ser compreendida apenas por suas dificuldades ou pelos comportamentos apresentados em determinados momentos. É necessário observar suas potencialidades, sua história, suas relações familiares e suas

formas próprias de aprender.
O estudo evidenciou que o olhar atento do professor pode transformar a maneira como o estudante se percebe dentro da escola. A partir de intervenções baseadas no incentivo, na valorização dos avanços e no acompanhamento individualizado, foi possível observar mudanças significativas.
O estudante passou a demonstrar maior confiança, participação e envolvimento com as propostas pedagógicas. Esse processo confirma a importância das crenças de autoeficácia discutidas por Bandura (1986) "Quando a criança percebe que é capaz, aumenta sua disposição para enfrentar desafios"
O fortalecimento da autoestima não é um elemento secundário no processo educativo, mas uma condição essencial para a aprendizagem.
A experiência também demonstrou que dificuldades comportamentais não devem ser tratadas apenas com medidas corretivas. É necessário compreender o que esses comportamentos comunicam e quais necessidades estão por trás deles.
No caso analisado, a agitação e os conflitos estavam relacionados a características pessoais, formas de interação e necessidade de desenvolver estratégias de autorregulação. A mediação pedagógica possibilitou que esses comportamentos fossem gradualmente reorganizados.
Outro aspecto fundamental foi a parceria entre família e escola. A participação dos responsáveis demonstrou como o envolvimento familiar pode contribuir para o desenvolvimento escolar.
Quando a criança percebe que seus familiares valorizam seus estudos, tende a atribuir maior significado às experiências escolares.
A escola, por sua vez, precisa manter uma comunicação aberta e acolhedora com as famílias, reconhecendo-as como parceiras no processo educativo. A análise da atividade matemática também permitiu compreender que cada criança possui caminhos próprios para construir conhecimentos. O estudante utilizou estratégias pessoais, realizou tentativas, revisou hipóteses e buscou soluções.
Esse processo revela que aprender não significa apenas apresentar respostas corretas, mas desenvolver formas de pensar, argumentar e resolver problemas. O professor tem papel fundamental nesse percurso ao criar situações desafiadoras e oferecer mediações adequadas.
Conclui-se, portanto, que uma prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral da criança precisa considerar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais.
A aprendizagem acontece quando o estudante encontra um ambiente seguro, acolhedor e estimulante. A experiência analisada reforça que nenhuma criança deve ser definida apenas por suas difi-i culdades iniciais. Cada estudante possui potencialidades que podem ser desenvolvidas quando encontra apoio, confiança e oportunidades.
O trabalho docente exige paciência, observação e disposição para compreender cada sujeito em sua singularidade. Mais do que ensinar conteúdos, a escola participa da formação de pessoas.
Por isso, práticas educativas baseadas no diálogo, no respeito e na valorização das capacidades individuais contribuem para formar sujeitos mais seguros, participativos e capazes de transformar sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

BANDURA, A. Social Foundations of Thought and Action - a social cognitive theory. New Jersey: Prentice Hall Inc., Englewood Cliffs, 1986.

BRANSFORD, John; BROWN, Ann; COCKING, Rodney (org.). Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola. São Paulo: SENAC, 2007.

DESSEN, Maria A.; POLONIA, Ana C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Paideia, 2007. Disponível em: www.scielo.br/paideia.

PAJARES, Frank; OLAZ, Fabián. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. 2008.

SMAGORINSKY, Peter. O que Vygotsky oferece para o professor do século XXI? 2013.